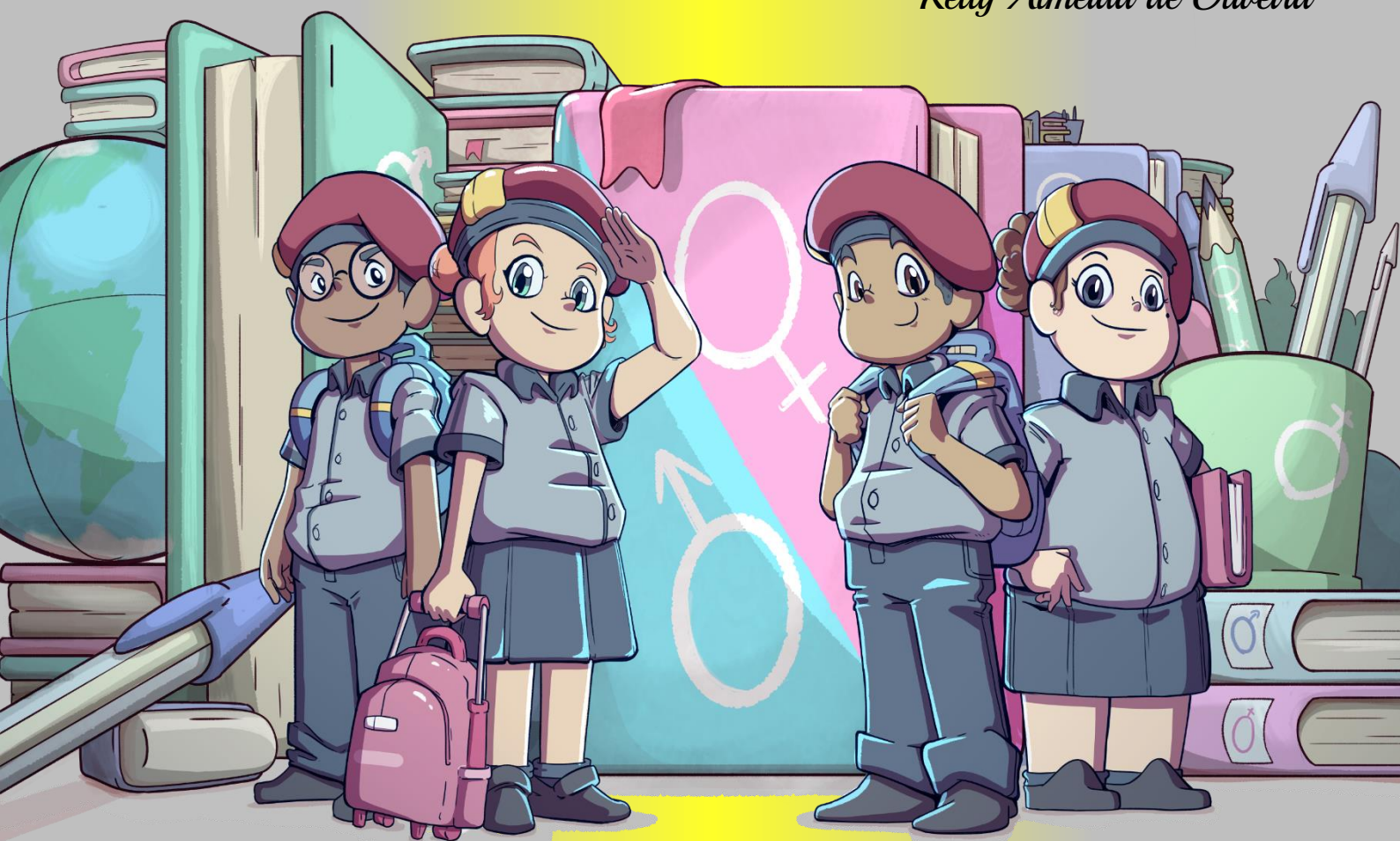


BIZU: DESBRAVANDO AS DIVERSIDADES SEXUAIS E DE GÊNERO

Jhonatan Wendell Tavares Ferreira
Kelly Almeida de Oliveira



SÃO LUÍS

2024



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO - UFMA



Reitor Prof. Dr. Fernando Carvalho Silva
Vice-reitor Prof. Dr. Leonardo Silva Soares

**AGÊNCIA DE INOVAÇÃO, EMPREENDEDORISMO, PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO
E INTERNACIONALIZAÇÃO**

Prof. Dra. Flávia Raquel Fernandes do Nascimento

**COORDENAÇÃO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO DE ENSINO
DA EDUCAÇÃO BÁSICA**

Profa. Dra. Hercília Maria De Moura Vituriano

AUTORES DA CARTILHA

Prof. Me. Jhonatan Wendell Tavares Ferreira
Profa. Dra. Kelly Almeida de Oliveira

DIAGRAMAÇÃO E DESIGNER

Prof. Me. Jhonatan Wendell Tavares Ferreira

CAPA

Estudantes de escola cívico-militar e a Diversidade Sexual e de Gênero - Produzida pelo
Designer Gráfico Rafael Solano



**São Luís
2024**

Sumário

1. APRESENTAÇÃO	4
2. GLOSSÁRIO	6
3. QUE IMPORTÂNCIA HÁ EM PAPIRAR AS DIVERSIDADES DE GÊNERO E SEXUAIS?	7
3.1 Se a diversidade está presente no dia a dia da escola, por que não aproveitar esse espaço para dialogar e aprender mais sobre ela?	8
4. ADOLESCÊNCIA: MUDANÇAS NO CORPO	9
5. A IMPORTÂNCIA DE ENVOLVER A FAMÍLIA NO DIÁLOGO SOBRE SEXUALIDADE E GÊNERO	12
6. DIVERSIDADE SEXUAL E DE GÊNERO	14
6.1 O que é gênero?	15
6.2 O que é Expressão de Gênero?	16
6.3 O que é Sexo Biológico?	16
6.4 O que é Orientação Sexual ?	17
7. CONHECENDO AS NOMENCLATURAS.....	18
8. DESBRAVANDO A SIGLA DA COMUNIDADE LGBTQIAPN+	23
9. UM BREVE HISTÓRICO DO MOVIMENTO LGBTQIAPN+	24
10. QUE TAL CONHECER AS BANDEIRAS DESTA COMUNIDADE?!.....	27
11. LGBTQIAPN+FOBIA	28
12. UMA VOLTA PELO MUNDO	30
13. FICA LIGADO EM ALGUNS TERMOS QUE NÃO DEVEMOS UTILIZAR!.....	33
14. MITOS OU VERDADES?	34
15. SUGESTÕES DE FILMES/SÉRIES SOBRE DIVERSIDADES SEXUAIS E DE GÊNERO	37
16. MATERIAIS PEDAGÓGICOS QUE PODEM TE AJUDAR A TRABALHAR COM AS DIVERSIDADES SEXUAIS E DE GÊNERO EM SUA ESCOLA:.....	40
17. CONECTE-SE: PERFIS SOBRE DIVERSIDADE SEXUAL E DE GÊNERO	41
18 INTERSECCIONALIDADE.....	42
PARA UM FUTURO NÃO MUITO DISTANTE.....	44
REFERÊNCIAS.....	46

1. APRESENTAÇÃO

Cara equipe gestora e docente de escolas militares e cívico-militares,

É com grande satisfação que apresentamos a vocês a cartilha educadora **"BIZU: Desbravando as Diversidades Sexuais e de Gênero"**. Este material foi desenvolvido com o objetivo de oferecer suporte para enfrentar as questões sociais contemporâneas que envolvem a diversidade sexual e de gênero. Sabemos que esses temas estão cada vez mais presentes em nosso cotidiano, e é essencial que, como educadores e gestores, estejamos preparados para lidar de maneira respeitosa, inclusiva e assertiva com tais temas.

Esta cartilha educadora resulta da pesquisa de mestrado intitulada "Corpos (In)Dóceis: Diversidade Sexual e de Gênero em uma Escola Cívico-Militar no Maranhão" realizada no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação - Gestão de Ensino da Educação Básica (PPGEEB) da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). O nosso intuito é criar uma ponte entre o conhecimento acadêmico, produzido no campo da diversidade sexual e de gênero e a realidade prática das escolas militares e cívico-militares. Sabemos dos desafios que esse contexto educacional específico traz, e é exatamente por isso que buscamos apresentar um material que dialogue diretamente com a realidade de vocês.

Ao longo da cartilha, você encontrará diversos conteúdos que abordam temas fundamentais para a compreensão e o ensino sobre gênero e sexualidade, como: Definições básicas de gênero e orientação

sexual; Casos práticos e exemplos de diálogos inclusivos, que visam promover um ambiente escolar mais acolhedor e respeitoso para todos os estudantes, independentemente de seu gênero ou orientação sexual.

Para não ficar "sugado" a linguagem utilizada foi pensada cuidadosamente para ser objetiva e acessível ao ambiente educacional militar, sem perder a profundidade necessária para lidar com esses temas de forma responsável.

A construção dos conteúdos e a definição dos tópicos abordados foram realizadas em parceria com gestores e educadores que atuam em uma escola cívico-militar. Assim, este material reflete diretamente as demandas e desafios que vocês enfrentam diariamente. Ela não pretende ser uma solução pronta, mas sim um ponto de partida para que possamos, juntos, construir um ambiente escolar mais inclusivo e respeitoso.

Por fim, esperamos que este material seja uma ferramenta útil para a sua prática educativa. Ao utilizá-la, você estará contribuindo para a formação de uma geração mais consciente e preparada para conviver em uma sociedade plural e diversa.

Aproveite e "papire" este material! Ele foi feito para ser utilizado com flexibilidade, adaptado às suas necessidades, à realidade de sua escola e sem "bizus furados". Juntos, podemos desbravar as diversidades sexuais e de gênero com respeito, empatia e responsabilidade. QSL?!

São Luís e Codó, Maranhão. Inverno de 2024.

Jhonatan Wendell Tavares Ferreira
Kelly Almeida de Oliveira

2. GLOSSÁRIO

Recebido, usado para confirmar que uma mensagem foi recebida e compreendida corretamente.

QSL

Papirar

Estudar, ler, buscar conhecimento sobre algo.

SUGADO

Difícil; puxado.

DESUNIDO

Aquele que se preocupa apenas com seus próprios interesses e não com o bem-estar da equipe; um militar que não possui espírito de corpo.

Uma sigla utilizada no meio militar “na escuta”, “prestando a atenção”.

QAP

Sinônimo de bizu. Dica, conselho.

MACETE

Resolver uma situação

DESENROLAR

ÚLTIMA FORMA

Correção, dizer para esquecer o que foi dito; retirar o que disse.

Pessoas que entendem dos bizus, bem informada, inteligente.

BIZURADO

SAFO

Pessoa boa no que faz; experiente; desenrolado; atento; que resolve os problemas; esperto

BIZU FURADO

Dica errada, o bizu que não deu o resultado esperado.

Vontade; ânimo.

QUERÊNCIA

3. QUE IMPORTÂNCIA HÁ EM PAPIRAR AS DIVERSIDADES DE GÊNERO E SEXUAIS?



Produzido pelo designer Rafael Solano

É sobre respeitar quem cada um é de verdade! Quando entendemos que todo mundo é único, a gente cria um ambiente mais justo e acolhedor. Além disso, essas conversas ajudam a combater preconceitos, promovem empatia e tornam qualquer espaço, inclusive a escola, um lugar onde todos podem ser quem realmente são sem medo de julgamentos. Afinal, quanto mais a gente sabe, menos a gente julga. "Copiado"?

3.1 Se a diversidade está presente no dia a dia da escola, por que não aproveitar esse espaço para dialogar e aprender mais sobre ela?

A escola é muito mais do que um lugar para aprender matérias, fazer provas e tirar boas notas. É onde a gente convive com pessoas de todas as formas, jeitos e histórias. Nas escolas militares e cívico-militares, não é diferente: a diversidade está presente, e não dá para ignorar. Aqui tem gente de vários lugares, culturas, com diferentes formas de ver o mundo, inclusive sobre gênero e sexualidade.

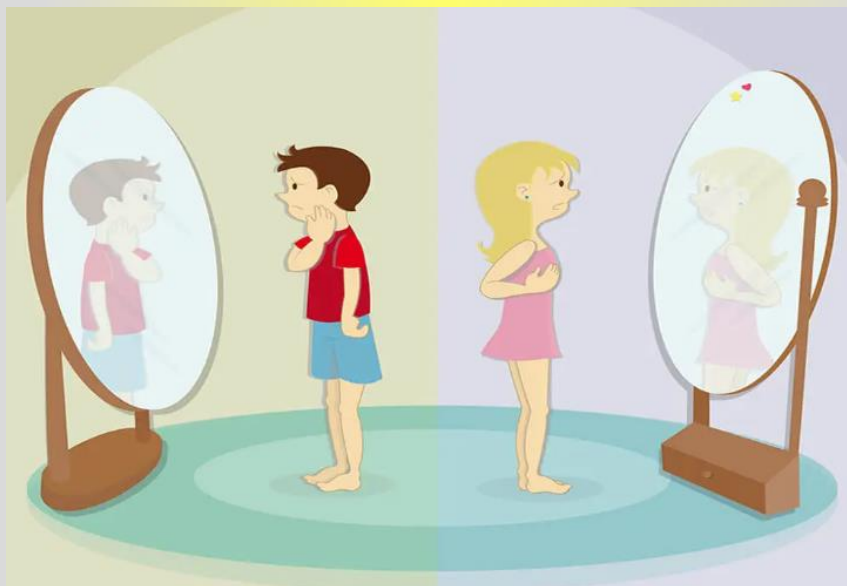
Então, por que não falar sobre isso? "Desenrolar" sobre diversidade de gênero e sexual é necessário porque faz parte do nosso dia a dia, e entender essas questões ajuda a construir um ambiente mais respeitoso e acolhedor. A ideia não é criar polêmica, mas abrir espaço para a empatia e respeito, deixando a escola ainda mais preparada para lidar com a realidade de todo mundo. Afinal, todo mundo merece se sentir seguro e bem consigo mesmo, "QAP"?



Produzido pelo designer Rafael Solano

4. ADOLESCÊNCIA: MUDANÇAS NO CORPO

A adolescência é uma fase de intensas transformações, e é essencial que reconheçamos que todos já passamos por esse momento em nossas vidas. Sabemos o quanto ele pode ser complicado, cheio de desafios, dúvidas e incertezas. Muitas vezes, as orientações necessárias não vêm das famílias, e acabamos buscando conselhos entre os pares, que também estão vivendo essas mesmas mudanças. Por isso, é fundamental que falemos abertamente com nossos estudantes sobre as transformações hormonais, físicas e emocionais que acontecem durante essa fase.



Fonte: Cidade Verde, 2014.

É necessário abordarmos temas essenciais com os estudantes sobre as mudanças corporais que ocorrem durante a adolescência. Entre eles, destacamos a menarca, que marca o início do ciclo menstrual nas meninas, a mudança na voz muito comum nos meninos, o crescimento de pelos corporais, que ocorre em ambos os sexos como parte do desenvolvimento puberal (Neto, 2014).

Durante a adolescência, o corpo passa por diversas mudanças hormonais que afetam não apenas o crescimento e o desenvolvimento físico, mas também o funcionamento de algumas glândulas, como as sudoríparas, responsáveis pelo suor. Essas transformações tornam a higienização do corpo um aspecto ainda mais importante nesse período. O aumento da produção de suor, especialmente nas axilas, pés e outras áreas do corpo, pode gerar desconforto e mau odor, caso não sejam adotados hábitos de higiene adequados. É essencial que os adolescentes compreendam a necessidade de cuidados diários com o próprio corpo, como o uso regular de desodorantes, a lavagem adequada de áreas de maior transpiração e a troca frequente de roupas íntimas (Neto, 2014).



Fonte: Mundo em cores, 2020.

Além dessas questões físicas, também é crucial tratar de aspectos relacionados à saúde sexual e reprodutiva, como o consentimento; a prevenção de Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) e a gravidez na adolescência.

Estes temas, muitas vezes cercados por tabus, precisam ser apresentados de maneira objetiva e acessível, para que os adolescentes compreendam seu corpo e tomem decisões informadas e responsáveis em relação a sua saúde e sexualidade.

Promover espaços de diálogo sobre essas questões ajuda a desmistificar os medos, as inseguranças e possibilita o desenvolvimento de uma relação mais saudável com o próprio corpo e com as emoções que emergem nesse período de transição.

Com essa abordagem, podemos criar um espaço de acolhimento e reflexão, fortalecendo o protagonismo juvenil no cuidado com o próprio corpo e proporcionamos a eles o suporte que, muitas vezes, falta em outros ambientes, possibilitando que compreendam que essas mudanças são naturais e que não estão sozinhos nesse processo.



Fale abertamente sobre as mudanças do corpo na adolescência. Escute, normalize essas transformações e responda às perguntas com clareza e respeito. Isso poderá ajudar a construir uma relação de confiança.

5. A IMPORTÂNCIA DE ENVOLVER A FAMÍLIA NO DIÁLOGO SOBRE SEXUALIDADE E GÊNERO

É essencial que a escola seja um espaço onde os estudantes aprendam sobre sexualidade e gênero, mas que também sirva como ponto de partida para que essas discussões se ampliem para o ambiente familiar. A responsabilidade de orientar os jovens para o entendimento dessas questões não é exclusiva da escola. A participação ativa das famílias é fundamental para a formação integral dos discentes, especialmente considerando que muitos desses temas ainda estão cercados de tabus e desinformação dentro de casa.



Fonte: Dreamstime, 2020.

Sabemos que, para muitas famílias, falar sobre sexualidade e gênero pode ser desafiador. No entanto, é justamente por isso que nós

docentes e gestores escolares devemos buscar maneiras eficazes de promover o diálogo entre a escola e a família.

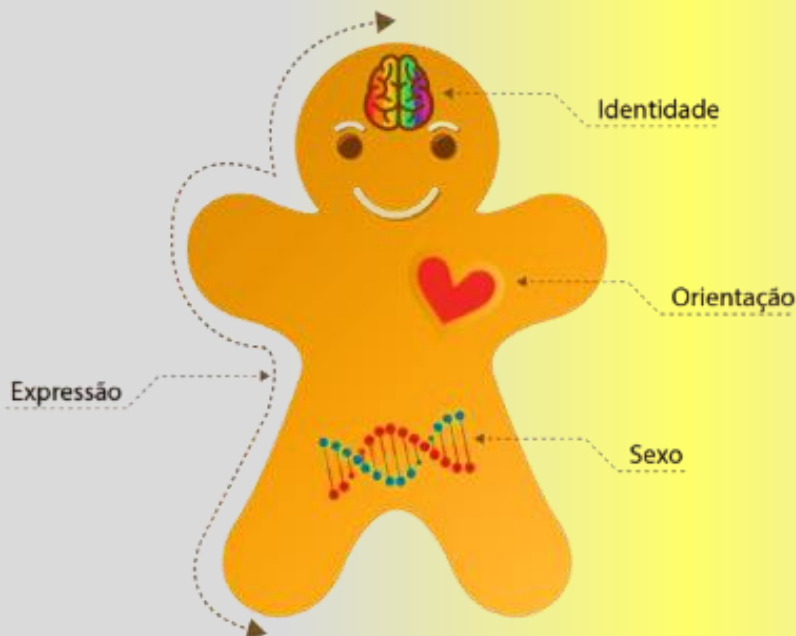
A educação sexual e o debate sobre questões de gênero não se limitam às paredes da escola; é preciso que as famílias compreendam a importância de estarem informadas e abram essas conversas para orientar seus filhos com responsabilidade e empatia.

A escola pode promover o diálogo com as famílias sobre questões de sexualidade e gênero por meio de diversas ações que envolvem a participação ativa dos responsáveis. Uma das estratégias mais eficazes é a realização de debates e palestras temáticas com especialistas, onde a família pode aprender e discutir sobre esses temas em um ambiente seguro e informativo.

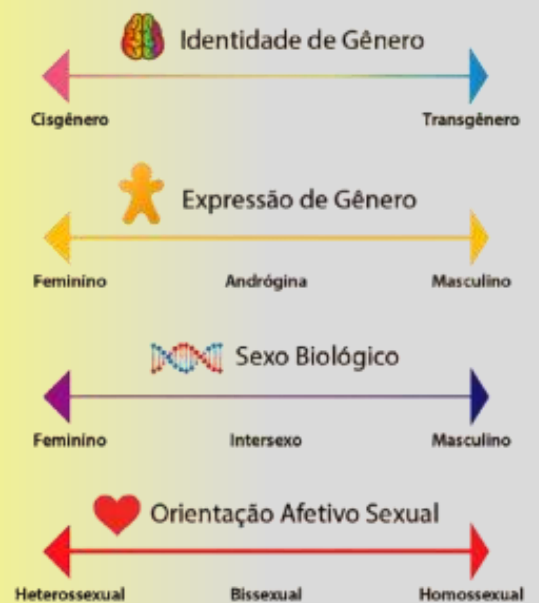
Além disso, rodas de conversa entre familiares, estudantes e educadores podem ser organizadas para fomentar a troca de experiências e desmistificar tabus, fortalecendo a compreensão mútua. Essas ações, somadas às oficinas interativas e à distribuição de materiais educativos, criam oportunidades contínuas de diálogo, permitindo que a escola e a família trabalhem juntas na formação integral dos jovens.

6. DIVERSIDADE SEXUAL E DE GÊNERO

A diversidade sexual e de gênero é uma mistura de vários fatores, como psicológicos, biológicos e socioculturais. Ela envolve quatro partes principais: sexo biológico, orientação sexual, identidade de gênero e expressão de gênero. Esta diversidade refere-se a todas as maneiras únicas que as pessoas vivem e expressam suas identidades. (Jesus, 2012); (Reis, 2021).



Fonte Guia da Diversidade LGBT/RJ, 2017.



6.1 O que é gênero?



Identidade de Gênero

Como você se identifica e se percebe.

Diz respeito à forma como uma pessoa se identifica internamente em relação ao gênero, independentemente do sexo biológico atribuído ao nascer (órgãos genitais - pênis/vagina). Ela envolve o sentimento profundo de ser homem, mulher, ambos, nenhum, ou algo entre ou além dessas categorias. Por exemplo, pessoas transgêneras (Trans) não se identificam com o gênero que lhes foi designado ao nascer, enquanto pessoas cisgêneras (Cis) têm uma identidade de gênero que corresponde ao sexo biológico atribuído. Além disso, existem identidades não binárias, que não se encaixam completamente nas categorias tradicionais de masculino ou feminino (homem/mulher) (Jesus, 2012); (Reis, 2021).

A identidade de gênero é uma experiência profundamente pessoal e pode ou não estar relacionada à expressão de gênero, que é como a pessoa escolhe se apresentar externamente (comportamentos, roupas, etc.).



Órgão genital não dita o gênero da pessoa.

6.2 O que é Expressão de Gênero?



Expressão de Gênero

Manifestação externa da identidade de gênero, refletindo-se em comportamentos, roupas e formas de se comunicar.

É a maneira como cada pessoa demonstra seu gênero para o mundo, por meio de comportamentos, roupas, gestos e fala. Essa expressão pode ser bem diversa: algumas pessoas podem se sentir confortáveis se apresentando de forma mais masculina ou feminina, enquanto outras podem optar por uma combinação dos dois ou algo totalmente diferente. O importante é que cada um possa se expressar como se sente, sem precisar se encaixar em estereótipos rígidos (Jesus, 2012); (Reis, 2021).

6.3 O que é Sexo Biológico?



Sexo Biológico

Órgãos genitais e cromossomos.

É a combinação de características com as quais uma pessoa nasce, incluindo cromossomos (aqueles que determinam o sexo biológico de uma pessoa, cromossomo X e o cromossomo Y. Os cromossomos XX indicam o sexo biológico feminino, enquanto a combinação XY indica o

sexo biológico masculino) e órgãos genitais (vagina, pênis). Isso geralmente determina se alguém é classificado como macho ou fêmea ao nascer. No entanto, há também pessoas que nascem com características genéticas ou genitais que não se encaixam nessas categorias tradicionais (pessoas intersexo), resultando em uma mistura única de traços (Jesus, 2012); (Reis, 2021).

6.4 O que é Orientação Sexual?



É a maneira pela qual cada pessoa se relaciona com quem sente (ou não sente) atração ou afeto. Entre essas identidades estão pessoas Gays, que são homens (Cis ou trans) que se sentem atraídos afetiva e/ou sexualmente por outros homens; Lésbicas, que são mulheres (Cis ou trans) que se atraem afetiva e/ou sexualmente por outras mulheres; Bissexuais, que se sentem atraídos por mais de um gênero, tanto por pessoas do mesmo gênero quanto de gêneros diferentes; e Assexuais, que são pessoas que não experimentam atração sexual, embora possam formar vínculos afetivos ou românticos. Além dessas, existem diversas outras orientações sexuais que compõem a pluralidade da comunidade LGBTQIAPN+ (Jesus, 2012); (Reis, 2021).

7. CONHECENDO AS NOMENCLATURAS

- **Homem Cis:** Sexo Biológico = Identidade de Gênero
- **Homem Trans:** Sexo Biológico ≠ Identidade de Gênero
- **Mulher Cis:** Sexo Biológico = Identidade de Gênero
- **Mulher Trans:** Sexo Biológico ≠ Identidade de Gênero
- **Pessoa Intersexo:** Uma pessoa intersexo apresenta características sexuais que não pertencem às categorias masculina ou feminina. Essas variações biológicas, que podem envolver órgãos genitais, cromossomos ou hormônios, ocorrem naturalmente e podem ser identificadas no nascimento, na infância, na adolescência ou até na vida adulta (Pino, 2007).

Mulher Cis Lésbica: Sexo Biológico = Identidade de Gênero e sente atração sexual ou afetiva por mulheres (cis ou trans).

Mulher Cis Hétero: Sexo Biológico = Identidade de Gênero e sente atração sexual ou afetiva por Homens (cis ou trans).

Mulher Cis Bissexual: Sexo Biológico = Identidade de Gênero e sente atração sexual ou afetiva por homens ou mulheres (cis ou trans).

Mulher Trans Lésbica: Sexo Biológico ≠ Identidade de Gênero e sente atração sexual ou afetiva por mulheres (cis ou trans).

Mulher Trans Hétero: Sexo Biológico ≠ Identidade de Gênero e sente atração sexual ou afetiva por homens (cis ou trans).

Mulher Trans Bissexual: Sexo Biológico ≠ Identidade de Gênero e sente atração sexual ou afetiva por homens ou mulheres (cis ou trans).

Homem Cis Gay: Sexo Biológico = Identidade de Gênero e sente atração sexual ou afetiva por homens (cis ou trans).

Homem Cis Hétero: Sexo Biológico = Identidade de Gênero e sente atração sexual ou afetiva por mulheres (cis ou trans).

Homem Cis Bissexual: Sexo Biológico = Identidade de Gênero e sente atração sexual ou afetiva por homens ou mulheres (cis ou trans).

Homem Trans Gay: Sexo Biológico ≠ Identidade de Gênero e sente atração sexual ou afetiva por homens (cis ou trans).

Homem Trans Hétero: Sexo Biológico ≠ Identidade de Gênero e sente atração sexual ou afetiva por mulheres (cis ou trans).

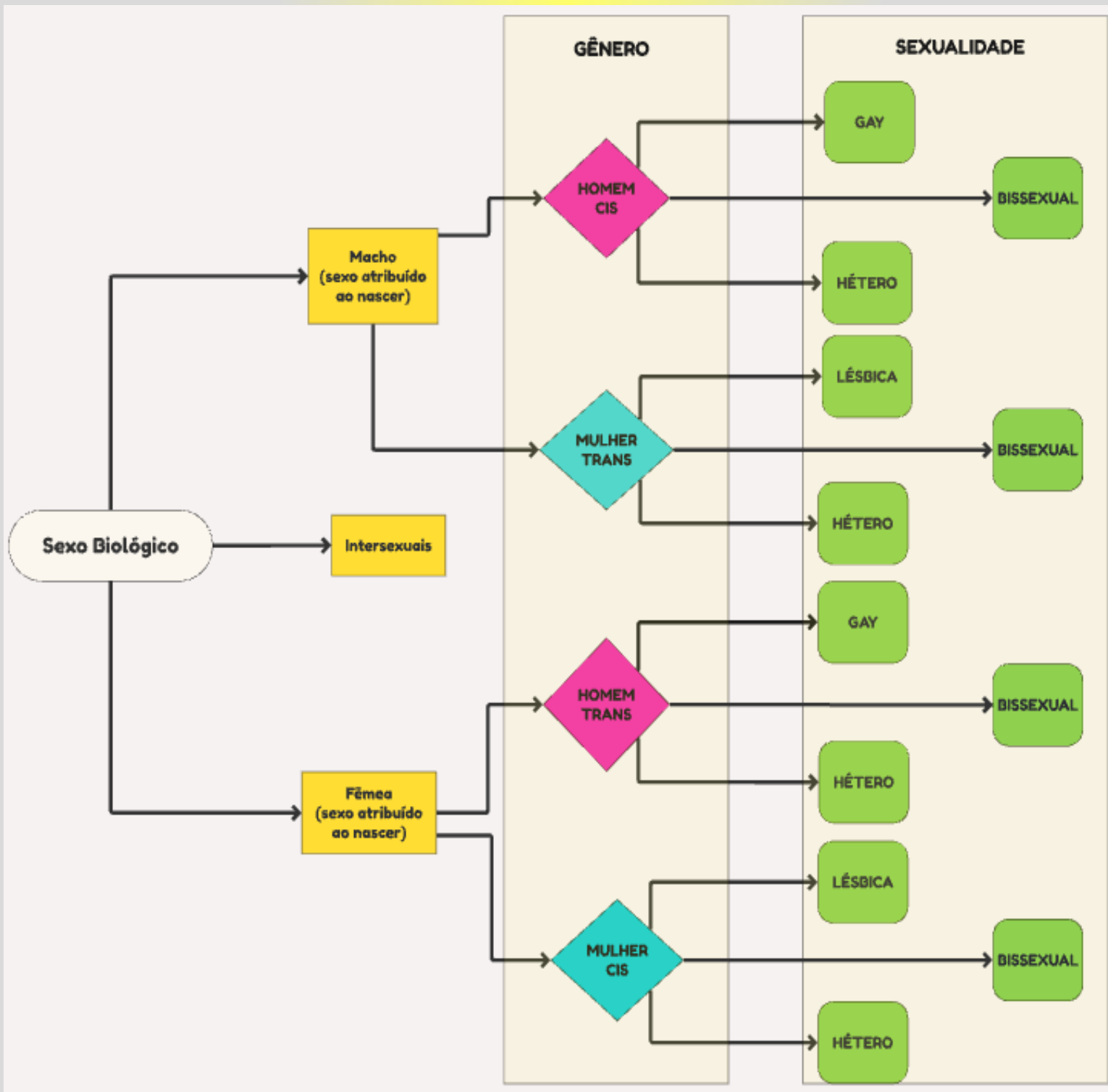
Homem Trans Bissexual: Sexo Biológico ≠ Identidade de Gênero e sente atração sexual ou afetiva por homens ou mulheres (cis ou trans).

Se liga no Bizu!



Evite perguntar às pessoas sobre seu sexo biológico, orientação sexual ou gênero, pois isso pode ser invasivo e inadequado.

Fluxograma



Produzido pelos autores, 2024.

Outras nomenclaturas presentes na comunidade LGBTQIAPN+:

Drag Queens: São artistas performáticos que exploram e celebram a representação exagerada do feminino. A performance pode ser realizada por pessoas de qualquer gênero, sejam homens ou mulheres, cisgêneros ou transgêneros. A arte drag envolve uma estética marcante, que inclui roupas extravagantes, maquiagem elaborada e perucas, além de gestos e expressões que intensificam características associadas à feminilidade. A drag queen vai além da simples imitação, sendo uma forma de expressão artística que questiona normas de gênero (Jesus, 2012); (Reis, 2021).

Drag king: é o masculino da Drag Queen. Trata-se de artistas que performam o masculino, utilizando figurinos, maquiagem e gestos para construir uma persona que expressa diferentes aspectos da masculinidade. Assim como as Drag Queens, os Drag Kings exploram e questionam os estereótipos de gênero, criando apresentações que provocam reflexões sobre a fluidez e a construção das identidades (Reis, 2021).

Travestis: o termo historicamente marginalizado e associado a estigmas sociais, refere-se a uma identidade de gênero transgênera que transcende o binarismo de gênero tradicional (Jesus, 2012). No entanto, muitas pessoas escolhem se identificar como travestis de forma consciente e política, reivindicando a palavra como símbolo de resistência e empoderamento.

Para muitas, ser travesti não é apenas uma expressão de gênero, mas também uma afirmação política que denuncia a opressão e a marginalização, ao mesmo tempo em que reivindica o direito à existência plena, dignidade e visibilidade.

Androginia: tem mais de um significado, e um deles se refere à aparência física. A palavra é formada pela união de "andro" (homem) e "gynia" (mulher), e descreve como uma pessoa pode ser percebida pelos outros. Refere-se a pessoas que possuem características corporais ambíguas, exibindo traços tanto masculinos quanto femininos. Além disso, a androginia também pode ser entendida como uma estética, uma expressão de gênero que envolve o uso de elementos de ambos os universos (masculino e feminino) — como roupas, maquiagens, adornos e perucas — para compor uma aparência que transcende as convenções binárias de gênero. (Reis, 2021).



Se você tem dúvidas sobre quais pronomes usar ao se referir a alguém, pergunte a essa pessoa quais pronomes ela ou ele se sente mais confortável em ser tratado(a).

8. DESBRAVANDO A SIGLA DA COMUNIDADE

LGBTQIAPN+

LGBTQIAPN+ é uma sigla que representa a diversidade de gêneros e orientações sexuais. Aqui está o significado de cada letra:

- **L:** Lésbicas - mulheres (cis ou trans) que se sentem atraídas por outras mulheres.
- **G:** Gays - homens (cis ou trans) que se sentem atraídos por outros homens.
- **B:** Bissexuais - pessoas que se sentem atraídas por mais de um gênero.
- **T:** Transgêneros - pessoas cuja identidade de gênero é diferente do sexo atribuído ao nascer.
- **Q:** Queer - um termo "guarda-chuva" (abrangente) para quem não se identifica exclusivamente como heterossexual ou cisgênero.
- **I:** Intersexuais - pessoas que nascem com características sexuais que não se encaixam nas definições típicas de masculino ou feminino.
- **A:** Assexuais - pessoas que experimentam pouca ou nenhuma atração sexual.
- **P:** Pansexuais - pessoas que se sentem atraídas por pessoas independentemente do gênero.
- **N:** Não-binárias - pessoas que não se identificam exclusivamente como homem ou mulher.

O + simboliza outros gêneros e orientações sexuais que não estão especificadas na sigla, reconhecendo a diversidade da comunidade.



Vídeo - Youtube - 14min.

Um pouco mais sobre a sigla



Vídeo - Youtube - 7min.

Acessível em Libras

9. UM BREVE HISTÓRICO DO MOVIMENTO LGBTQIAPN+

"Não há orgulho para alguns de nós, sem libertação para todos!"

Marsha P. Johnson

O movimento LGBTQIAPN+ surgiu de vários momentos importantes na história. Um dos principais foram as manifestações de *Stonewall*, que aconteceu em 28 de junho de 1969, no *Stonewall Inn*, um bar gay em Nova York. Nesse dia, *gays*, lésbicas, travestis e *drag queens* se uniram para enfrentar a polícia local, que estava fazendo abordagens abusivas nos bares da cidade. Essa revolta foi um grito de resistência contra a opressão (Valente, 2018).



Marsha P. Johnson

Fonte: revista híbrida, 2018.



Marsha P. Johnson foi uma mulher trans, negra e uma "safo" drag queen, reconhecida como uma das pioneiras no movimento pelos direitos LGBTQIAPN+ nos Estados Unidos. Nascida em 24 de agosto de 1945, ela esteve na linha de frente das manifestações de *Stonewall* em 1969, um marco histórico na luta contra a repressão policial e a discriminação. Marsha é lembrada por sua coragem, determinação e

ativismo incansável, deixando um legado que inspira gerações (Valente, 2018).

Ela permanece como um símbolo de luta e resistência, não apenas por seu papel crucial nas revoltas de *Stonewall*, mas também por sua dedicação às pessoas mais marginalizadas da comunidade LGBTQIA+, especialmente aquelas em situação de vulnerabilidade. Juntamente com sua amiga e também ativista trans Sylvia Rivera, Marsha (co)fundou a Ação Revolucionária de Travestis de Rua (STAR) em 1970. STAR foi uma organização pioneira dedicada a apoiar pessoas trans sem-teto, especialmente mulheres trans negras, oferecendo abrigo e recursos para aquelas que enfrentavam marginalização extrema. O ativismo de Marsha ia além dos direitos LGBTQIAPN+, pois ela também defendia justiça racial e socioeconômica (Valente, 2018).

Sua abordagem carismática e compassiva, aliada a uma postura firme e destemida, fez dela uma figura central na construção de espaços seguros e na defesa de direitos que antes eram negados.

Seu trabalho com a STAR abriu caminho para o reconhecimento das questões enfrentadas por pessoas trans e sem-teto, pavimentando a luta por igualdade e dignidade. Embora sua morte tenha deixado muitas perguntas sem resposta, Marsha continua a ser uma fonte de inspiração para movimentos de justiça social ao redor do mundo, lembrando a todos nós que a liberdade e a dignidade são conquistas pelas quais vale a pena lutar.



Documentário - Netflix - 100min.

Um pouco mais sobre este ícone

Em 1970, a comunidade LGBTQIAPN+ celebrou a primeira Parada do Orgulho na Rua Christopher, em Nova York, como uma forma de mostrar força e visibilidade. No Brasil, a luta pelos direitos começou a ganhar forma em 1977, quando o advogado João Antônio Mascarenhas trouxe um editor da revista *Gay Sunshine*, de São Francisco, para fazer palestras e discutir a causa (Facchini, 2013).

A famosa bandeira do orgulho LGBTQIAP+ foi criada por Gilbert Baker, a pedido do ativista Harvey Milk, como símbolo da diversidade e resistência. Em 1995, depois da 17ª Conferência da Associação Internacional de Gays e Lésbicas (ILGA), aconteceu a primeira Parada LGBTQ+ no Brasil, no Rio de Janeiro, marcando um momento crucial na luta pela visibilidade da comunidade no país (Green et al., 2018)



Podcast - Spotfy - 20min.

Um pouco mais sobre o movimento

10. QUE TAL CONHECER AS BANDEIRAS DESTA COMUNIDADE?!

Bandeiras dos grupos que fazem parte da sigla LGBTQIAPN+:



Fonte: Brasil Escola, 2024

Bandeira atualizada da comunidade agrupando todos os demais grupos:



Fonte: Simple Organic, 2023

11. LGBTQIAPN+FOBIA



Fonte: CONFETAM, 2020

LGBTQIAPN+fobia é basicamente o medo, a rejeição e o ódio irracional contra quem não segue os padrões de orientação sexual ou gênero considerados "normais" pela sociedade, ou seja, tudo que foge da heteronormatividade. Isso inclui não só pessoas que são LGBTQIAPN+, mas também quem é visto como tal, mesmo que não seja. A LGBTQIAPN+fobia vai além de atitudes violentas ou de preconceito direto, porque reflete uma visão de mundo que tenta manter um padrão de gênero e relações baseado no machismo e na ideia de que a heterossexualidade é a única forma "certa" de se viver.

Em 2021, o Brasil enfrentou uma triste realidade, com pelo menos 316 mortes violentas de pessoas da comunidade LGBTQIAPN+ registradas. Esse número alarmante representa um aumento de 33,3% em comparação com o ano anterior, quando foram contabilizados 237 casos. A preocupação persistiu em 2022, com 273 mortes violentas, das quais 228 foram classificadas como homicídios, o que equivale a impressionantes 83,52% do total. Além disso, 30 dessas mortes foram identificadas como suicídios, correspondendo a 10,99%, enquanto 15 resultaram de outras causas, representando 5,49% e em 2023 registrou um total de 230 mortes violentas a pessoas desta comunidade.

Essas estatísticas dolorosas são detalhadamente registradas no Dossiê sobre Mortes e Atos Violentos contra a População LGBTQIAPN+ no Brasil (2023). Este documento abrangente é o resultado de um esforço colaborativo entre o Observatório de Mortes e Violências contra a comunidade LGBTI+ e várias organizações dedicadas à causa, como Acontece Arte e Política LGBTI+, a Associação Nacional de Travestis e Transexuais (Antra) e a Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos (ABGLT).

Essa parceria não se limita apenas a registrar esses casos trágicos, mas busca também sensibilizar a sociedade e mobilizar esforços para garantir a segurança e o respeito aos direitos humanos dessa comunidade tão vulnerável. É um chamado urgente para que todos nós reflitamos sobre a necessidade de proteção e acolhimento para aquelas/es que enfrentam a violência e a discriminação simplesmente por serem quem são.

Você sabia que 17 de maio é o Dia Internacional de Luta Contra a LGBTQIAPN+fobia? A data foi escolhida para marcar quando, em 1990, a Organização Mundial da Saúde (OMS) decidiu tirar a homossexualidade da lista de doenças.

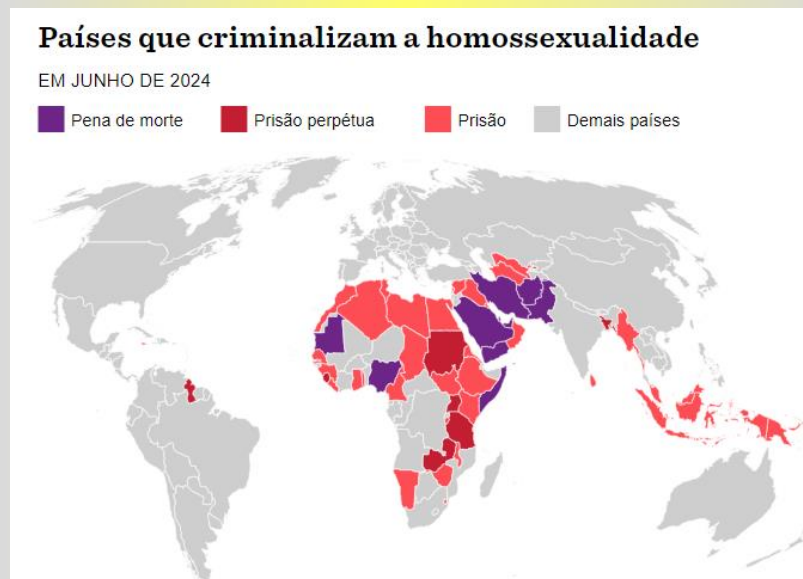


Em agosto de 2023, o Supremo Tribunal Federal (STF) igualou as ofensas contra pessoas LGBTQIAPN+ ao crime de injúria racial. Desde 2019, a homofobia é classificada como um crime imprescritível e inafiançável.

12. UMA VOLTA PELO MUNDO

Ao contrário do que muitas pessoas pensam, a comunidade LGBTQIAPN+ não vive em um mundo de plenitude e direitos garantidos. Na verdade, a realidade é bem diferente. Em alguns países, ser parte dessa comunidade significa ter que viver na sombra, escondendo quem realmente são, para evitar represálias. Em lugares onde a homossexualidade é criminalizada, a situação é tão grave que, em alguns casos, existem até penas de morte para quem é pego vivendo ou se expressando livremente.

É importante lembrar que, enquanto muitos podem “desfrutar” de direitos e liberdades, milhões de pessoas ao redor do mundo ainda enfrentam discriminação e opressão apenas por serem quem são.



Fonte: Human Trust Dignity, 2024

Esses dados são de um levantamento da *Human Trust Dignity* (2024), e olha que chocante: em pleno século XXI, com todos os avanços científicos e tecnológicos que temos, ainda existem 64 países que

criminalizam relações homoafetivas, ou seja, a relação entre pessoas do mesmo sexo.

A comunidade LGBTQIAPN+ está sempre na luta por direitos básicos, como existir, viver e ter bem-estar, assim como qualquer outra pessoa. Estas pessoas não estão pedindo por privilégios, mas sim o que é de direito! Afinal, viver com dignidade é um direito essencial, garantido pela ONU e pelos direitos humanos. Não dá para aceitar que em pleno século XXI ainda tenhamos que brigar por algo tão fundamental, né?

Apesar da imagem que se tenta projetar de um Brasil onde a diversidade é respeitada e a comunidade LGBTQIAPN+ vive em harmonia, os dados mostram uma realidade alarmante. Na verdade, a cada 38 horas, uma pessoa LGBTQIAPN+ é brutalmente assassinada em nosso país, de acordo com o Observatório de Mortes e Violências LGBTI+ (2023).

Esses números não podem ser ignorados. Eles mostram um cenário de violência e intolerância que persiste sob a superfície de um suposto respeito à diferença. Essa situação nos obriga a refletir sobre o quanto ainda precisamos avançar para garantir a segurança e os direitos de todos, independentemente de sua orientação sexual ou gênero. Essa luta por dignidade e aceitação ainda está muito longe de acabar, e é nossa responsabilidade dar voz a essas realidades e lutar por um mundo mais justo para todos.

A luta pela igualdade e pelo reconhecimento da dignidade humana é um desafio contínuo e urgente, e não podemos nos dar ao luxo de desviar o olhar para essa realidade que afeta tantos brasileiros. É

hora de unir forças para promover mudanças significativas e garantir que todos possam viver sem medo de serem quem são.

Pablo Vittar - Homem Cis gay, Drag Queen e Cantor



Fonte: Capricho, 2024.

Hanne Gaby Odiele - Pessoa Intersexo e Top Model



Fonte: Vogue, 2021.

Famosos da comunidade



LGBTQIAPN+

Chappell Roan - Mulher Cis Lésbica, Drag Queen e Cantora



Fonte: Nexo, 2024.

Gabriela Medeiros - Mulher Trans Heterossexual e Atriz



Fonte: Uol, 2024.

Thammy Miranda - Homem Trans Heterossexual e Vereador



Fonte: TVPOP, 2022.

Lil Nas X - Homem Cis Gay e rapper



Fonte: Mundo Negro, 2021.

13. FICA LIGADO EM ALGUNS TERMOS QUE NÃO DEVEMOS UTILIZAR!

Orientação Sexual X Opção Sexual



O termo certo é "orientação", porque ninguém escolhe a sexualidade, ela nasce com a gente e vai se revelando com o tempo. Você lembra de escolher ser hétero? Então, por que alguém escolheria ser diferente? Acho que a resposta é não, né? Afinal, ninguém escolhe a própria sexualidade.

Apelidos pejorativos (veado, qualhira, sapatão, traveco e outros)



Não é legal usar termos pejorativos para se referir ao gênero ou sexualidade de alguém. Além de atingir a autoestima da pessoa e causar dor, você não ganha nada com isso. Pelo contrário, só contribui para espalhar preconceito e desrespeito. O mínimo que a gente deve fazer é respeitar as diferenças.

Homossexualidade X Homossexualismo



O termo correto é "homossexualidade". O uso do sufixo "ismo" para se referir à orientação sexual é problemático, porque esse sufixo era usado para definir doenças, o que já foi superado. A homossexualidade foi retirada da lista de doenças pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em 1990. Continuar usando o termo "homossexualismo" reforça uma ideia ultrapassada e errada de que a orientação sexual é algo a ser tratado ou curado. É importante escolher as palavras com cuidado, porque elas carregam significados e podem perpetuar preconceitos.

14. MITOS OU VERDADES?

- **"Começou a andar com pessoas LGBTQIAPN+ e agora tá ficando igual a eles"**

Esse mito sugere que a sexualidade ou gênero de uma pessoa pode ser "contagiada" ou que ela vai mudar seu jeito de ser só porque está em contato com pessoas de outra orientação sexual ou gênero. Na real, gênero e a sexualidade de alguém não é uma questão de influência externa; é uma parte essencial da pessoa. Andar com pessoas da comunidade não vai te fazer gay, lésbica, trans... Cada um tem sua própria jornada e sua própria verdade!

- **"Todo gay é afeminado"**

Muita gente acha que todo homem gay tem que ser "exagerado" ou ter trejeitos afeminados (não que isso seja um problema). Mas, assim como em qualquer grupo, tem gente de todos os jeitos! Ser gay não define como uma pessoa se comporta ou se veste.

- **“Ela é lésbica porque nenhum homem conseguiu conquistá-la”**

Esse é um mito que faz parecer que a orientação sexual de uma mulher depende das experiências que ela teve com homens. A verdade é que a sexualidade não é uma resposta a relacionamentos frustrados. A sexualidade é uma parte intrínseca de quem somos, e não é definida apenas por experiências passadas!

- **“Transição é só uma fase”**

Tem quem pense que pessoas trans estão apenas passando por uma fase ou que vão “mudar de ideia” depois. A transição é um processo sério e complexo que envolve a afirmação da identidade de gênero, e não é algo que alguém faz por diversão.

- **“A comunidade LGBTQIAPN+ é só festa e diversão”**

Muitas pessoas acreditam que a vida de quem faz parte da comunidade é só farra. Mas, na real, existem lutas diárias, como preconceito, violência e a busca por direitos iguais. Celebrar é importante, mas também é preciso lutar por dignidade e respeito!

- **“Pessoas LGBTQIAPN+ não podem ter famílias”**

É um mito achar que quem faz parte da comunidade não pode ser pai ou mãe. Muitas pessoas LGBTQIAPN+ formam famílias lindas, seja por adoção, reprodução assistida ou outros meios. O amor é o que importa!

- **“Foi a comunidade LGBTQIAPN+ que propagou o vírus HIV no mundo”**

O mito de que a comunidade é responsável pela propagação do vírus HIV surgiu no final dos anos 1970 e início dos anos 1980, no auge da crise da AIDS. Este mito infundado e prejudicial foi impulsionado por falta de informação, preconceito e estigma social, especialmente

contra homens gays e bissexuais, que foram desproporcionalmente afetados nos primeiros anos da epidemia (Cardoso; Ferro, 2012).

A ideia errada de que o vírus HIV, causadora da doença da AIDS, era "uma doença gay" foi reforçada por parte da mídia e de alguns setores conservadores, que exploraram o medo e a ignorância para perpetuar discriminação. Essa narrativa não só estigmatizou a comunidade LGBTQIA+, mas também impediu uma resposta eficaz à crise da saúde pública, criando barreiras ao tratamento e à conscientização. Isso resultou em atraso na implementação de políticas públicas mais inclusivas e na criação de preconceitos e violências contra pessoas LGBTQIA+ (Cardoso; Ferro, 2012).

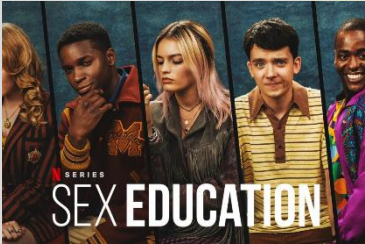
O HIV não opta por orientação sexual, gênero de ninguém, podendo afetar qualquer pessoa, independentemente de quem ela se relaciona ou como ela se identifique. A luta contra o HIV/AIDS depende da educação, da prevenção e do acesso universal à saúde, algo que a comunidade LGBTQIA+ tem liderado com coragem e solidariedade.

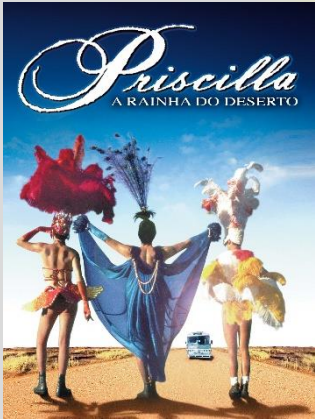
Dar "última forma" nesses mitos ajudam a quebrar estereótipos e a promover uma compreensão mais holística sobre a diversidade e as experiências da comunidade LGBTQIAPN+.

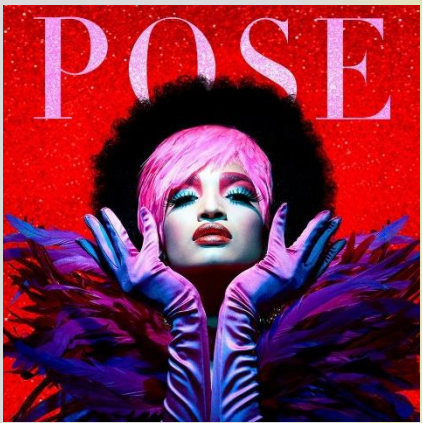
- **"Bissexualidade é coisa de gente confusa!"**

A bissexualidade não tem nada a ver com confusão. Ser bissexual significa que uma pessoa pode sentir atração por mais de um gênero, e isso é uma orientação sexual legítima e válida. A confusão geralmente é uma percepção externa, muitas vezes baseada em estereótipos e falta de compreensão sobre a diversidade das experiências humanas. Pessoas bissexuais sabem de suas atrações e sentimentos, e sua sexualidade não depende de aprovação ou entendimento de terceiros.

15. SUGESTÕES DE FILMES/SÉRIES SOBRE DIVERSIDADES SEXUAIS E DE GÊNERO

Filme/Série	Descrição	Onde encontrar
Orações para Bobby (2009) 	Um drama emocionante baseado em uma história real. O filme conta a luta de uma mãe religiosa para aceitar a homossexualidade de seu filho, Bobby. Após uma tragédia, ela embarca numa jornada de reflexão e transformação, passando de uma posição de rejeição a uma defensora dos direitos LGBTQIAPN+. Comovente e inspirador, o filme nos faz refletir sobre amor, aceitação e os efeitos devastadores do preconceito. Imperdível e tocante!	Amazon Prime Vídeo e Youtube
Sex Education (2023) 	A série narra a vida de Otis, um adolescente tímido que, apesar de sua inexperiência, entende bastante sobre sexualidade por viver com sua mãe, uma terapeuta sexual. Junto com Maeve, uma colega inteligente e rebelde, ele monta uma clínica de conselhos sexuais para ajudar os estudantes da escola com suas dúvidas e inseguranças. A série explora, de forma leve e inclusiva, questões sobre sexualidade, identidade, relacionamentos e crescimento pessoal. A série abre espaço para diálogos importantes sobre aceitação e autoconhecimento, enquanto mistura drama e comédia de forma envolvente.	Netflix
Mariposas Verdes (2017) 	Um drama intenso que narra a história de Mateo, um jovem brilhante que se apaixona por Daniel. Quando seu amor é revelado, a vida de Mateo desmorona, e ele se vê diante de uma escolha dolorosa: lutar por seu amor e enfrentar as adversidades ou desistir de tudo, até mesmo da própria vida. O filme explora temas como aceitação, identidade e a luta contra o preconceito, revelando a dura realidade de muitos na comunidade LGBTQIA+.	Amazon Prime Vídeo e Youtube

Priscilla a rainha do deserto (1994) 	Um clássico da comunidade LGBTQIAPN+, celebrando a diversidade e a liberdade de ser quem realmente somos. A história acompanha duas drag queens e uma mulher trans em uma viagem pelo deserto australiano, em busca de autoaceitação e pertencimento. Enfrentando preconceitos e desafios, elas descobrem a força da amizade e a importância da expressão pessoal. Com performances vibrantes e uma trilha sonora inesquecível, o filme é um convite à coragem e à luta pela autenticidade em um mundo muitas vezes hostil.	Amazon Prime Vídeo
Vermelho, Branco e Sangue Azul (2023) 	Uma comédia romântica que gira em torno do filho da presidente dos Estados Unidos, Alex, e o príncipe britânico, Henry. Após um incidente que gera um conflito entre os dois países, eles precisam fingir uma amizade para acalmar as tensões políticas. No entanto, essa relação falsa se transforma em um romance inesperado e cheio de desafios. O filme explora temas de amor, identidade e as complexidades da vida pública com muito humor e carisma.	Amazon Prime Vídeo
Moonlight: Sob a Luz do Luar (2016) 	Um drama que narra a vida de Chiron, um jovem negro em Miami, através de três fases de sua vida: infância, adolescência e vida adulta. Lutando com sua identidade e sexualidade em um ambiente hostil, Chiron busca amor e aceitação enquanto enfrenta desafios familiares e sociais. O filme explora temas de masculinidade, vulnerabilidade e a busca por conexão, oferecendo uma reflexão tocante sobre as experiências humanas em meio a um mundo muitas vezes indiferente.	Amazon Prime Vídeo

Hoje Eu Quero Voltar Sozinho (2014) 	Um delicado romance que acompanha a vida de Leonardo, um adolescente cego que luta por sua independência. Sua rotina muda quando ele conhece Gabriel, um novo colega que desperta sentimentos inesperados. Enquanto desenvolvem uma profunda amizade, Leonardo enfrenta os desafios de se abrir para o amor e a aceitação. O filme retrata com sensibilidade as complexidades do primeiro amor, amizade e a busca por identidade em meio a descobertas emocionantes e desafiadoras.	Amazon Prime Video, Netflix
Brenda Lee e o Palácio das Princesas (2022) 	Em formato de musical cinematográfico, o filme narra a trajetória de Caetana, conhecida como Brenda Lee, uma figura emblemática na luta pelos direitos LGBTQIA+. Reconhecida como a "anjo da guarda das travestis", ela fundou a primeira casa de apoio no Brasil para pessoas vivendo com HIV/Aids. Além de oferecer abrigo a travestis, muitas das quais enfrentam a prostituição, Brenda proporciona um ambiente seguro e acolhedor, onde ensina a elas a aspirar a uma vida mais plena, apesar da violência e do preconceito que as cercam.	Youtube
Pose (2018) 	Série revolucionária que mergulha na cena da cultura <i>ball</i> de Nova York nos anos 1980 e 1990, destacando a vida da comunidade LGBTQIA+, especialmente de pessoas trans e negras. A trama segue Blanca, uma mãe de família drag, enquanto ela forma sua própria casa e compete nas competições de dança <i>voguing</i>. A série explora temas de amor, aceitação, luta e resistência, celebrando a força da comunidade e as adversidades enfrentadas por seus membros, ao mesmo tempo que aborda questões sociais e políticas relevantes.	Apple TV+

16. MATERIAIS PEDAGÓGICOS QUE PODEM TE AJUDAR A TRABALHAR COM AS DIVERSIDADES SEXUAIS E DE GÊNERO EM SUA ESCOLA:

Material e autoria	Do que se trata	Link de acesso
Caderno Pedagógico: Combatendo a LGBTFOBIA - Ana Paula dos Santos Soares	Oferece orientações práticas sobre a diversidade, com o objetivo de instrumentalizar docentes. Fornecendo subsídios teóricos que auxiliam os docentes a compreenderem e abordarem a diversidade de maneira inclusiva e respeitosa, promovendo um ambiente educativo que valoriza as diferenças. Além de servir como uma ferramenta de apoio, estimula reflexões sobre como a pluralidade de identidades e experiências pode enriquecer o processo de ensino-aprendizagem.	UFMA
Relações de Gênero em Sala de Aula - Caderno de Sugestões de Atividades Pedagógicas - Sônia Giselly Karolczyk Correia	O caderno pedagógico oferece sugestões de atividades sobre relações de gênero para sala de aula, alinhadas aos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), promovendo a inclusão transversal desses temas nos conteúdos escolares.	PPGEED/UFMA
Brinquedos e brincadeira têm gênero? - Delza Cristina Pinheiro	Este guia apresenta possibilidades didáticas sobre desigualdades de gênero, voltadas principalmente à Educação Infantil, mas adaptáveis para outras etapas de ensino com as adequações necessárias.	
Orientações Pedagógicas Gêneros e Sexualidades na Escola - Rosylene Conceição Soares Cutrim	Caderno pedagógico com sugestões de atividades que podem ser desenvolvidas no Ensino Médio para enriquecer o aprendizado e promover um ambiente mais dinâmico e inclusivo	
Enciclopédia LGBTI+ - Toni Reis	A Enciclopédia é composta por 25 manuais que visam promover o respeito e reduzir preconceitos e violências contra a comunidade LGBTQIAPN+, por meio de informação e práticas educativas, realizada pela Rede GayLatino e pela Aliança Nacional LGBTI+.	DIGNIDADE
Manual da educação LGBTI+ - Toni Reis e Simón Cazal	Este manual é voltado para profissionais da educação do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano) e Ensino Médio, visando reduzir estigmas e preconceitos enfrentados por estudantes LGBTQIAPN+ nas escolas.	RESPEITO

17. CONECTE-SE: PERFIS SOBRE DIVERSIDADE SEXUAL E DE GÊNERO

Nas redes sociais, diversos perfis reúnem informações sobre a comunidade LGBTQIAPN+, abordando temas como direitos, diversidade de gênero e sexualidade. Seguir esses perfis pode ser uma forma de se manter atualizado sobre essas pautas, conectar-se com a comunidade e contribuir para a construção de uma sociedade mais inclusiva e respeitosa.

Rede social Instagram	
@universolgbt  8.620 publicações 419 mil seguidores 994 seguindo Universo LGBTQIA+ ele/dele universolgbt • 1 novas LGBTQIA+ e POP A maior fonte sobre a comunidade no 🇧🇷 por @danielbispix e equipe universolgbtcontato@gmail.com 11 98910-3649 Ver tradução abrir.link/oSyhp	@grupodignidade  2.368 publicações 22,2 mil seguidores 525 seguindo Grupo Dignidade Organização não governamental (ONG) 32 anos de luta pela cidadania e direitos LGBTI+ Curitiba/PR Linktree do Grupo Dignidade Ver tradução linktr.ee/GrupoDignidade
@paradalgbtgyn  1.701 publicações 27,1 mil seguidores 6.792 seguindo APLG+ Associação da Parada LGBTQIAPN+ de Goiânia Comunidade Perfil Oficial desde 2017 Seguido(a) por _marciasrodrigues, apolojunior12 e outras 6 pessoas	@poenaroda  5.145 publicações 417 mil seguidores 401 seguindo Põe Na Roda Canal Informação e humor fora do armário! Criado por @hmcpedro Publicidade: comercial.poenaroda@gmail.com Ver tradução www.poenaroda.com.br
@matematiqueer  547 publicações 5.598 seguidores 1.141 seguindo MatematiQueer Centro de pesquisa educacional Grupo de Pesquisa e Extensão em Estudos de Gênero e Sexualidades em Educação Matemática sediado na @ufrj.oficial Coordenação: Agnaldo Esquinalha Ver tradução matematiqueer.org e 1 outra pessoa	

18 INTERSECCIONALIDADE

Não dá para falar de gênero sem levar em conta outras questões, como a raça. A ideia de interseccionalidade nos ajuda a pensar em como diferentes formas de opressão — como racismo, sexismo e LGBTQIAPN+fobia — se cruzam e impactam de maneiras distintas entre as pessoas. Ou seja, cada pessoa pode enfrentar múltiplas formas de discriminação ao mesmo tempo, e isso afeta seus corpos e suas experiências de maneira única. Por isso, é importante refletir sobre essas conexões, para entender melhor como essas opressões influenciam a vida de diferentes grupos.

O cabelo *black* e o uso de *dreads*, por exemplo, não são apenas questões de estilo para a comunidade negra. Eles carregam um significado muito mais profundo, sendo parte importante da identidade social dessas pessoas. Além disso, a maneira de se vestir e até de falar também fazem parte dessa identidade (King, 2015).



Fonte: Vecteezy, 2022.

Por isso, é essencial que, dentro da escola, as pessoas abram espaços para diálogos que valorizem essas expressões e que também promovam o respeito pela diversidade cultural.

É igualmente importante trazer discussões sobre as religiões de matriz africana, para desmistificar estereótipos e combater preconceitos. Ao criar esses tipos de diálogos, contribuímos para a construção de um ambiente escolar mais inclusivo e respeitoso, onde

todos possam se sentir agregados e valorizados. Essas ações são fundamentais para educar sobre a diversidade e quebrar barreiras de preconceito.



Fonte: Revista Artes Visuais + arte-educação, 2013.

Ao promover diálogos abertos e sobre a valorização das diferentes culturas e identidades, a escola desempenha um papel crucial na formação de uma sociedade mais justa e inclusiva. Essas iniciativas não apenas educam sobre a diversidade, mas também ajudam a derrubar preconceitos enraizados, criando um ambiente em que todos possam se expressar livremente e com respeito. A construção de uma comunidade escolar consciente e acolhedora é o primeiro passo para uma convivência mais harmoniosa e com equidade.



Racismo não é opinião! É Crime. Desde a Lei 14.532/2023, injúria racial é considerada crime de racismo, com pena de 2 a 5 anos de reclusão. Diga não ao racismo e promova o respeito!

PARA UM FUTURO NÃO MUITO DISTANTE

A diversidade está em todos os lugares, e a escola, sendo um reflexo da sociedade, também deve abraçar essa pluralidade. Como docentes e equipe gestora de escolas militares e cívico-militares, temos a responsabilidade de nos munir de ferramentas que nos ajudam a tratar essas questões com eficácia, sensibilidade e competência, para que nossos estudantes se sintam reunidos em um ambiente escolar onde o respeito e a valorização das diferenças sejam prioridade.

Quando desenvolvemos esta cartilha, pensamos com muito cuidado no ambiente das escolas militares/cívico-militares em que ela seria utilizada. Tratamos os temas com respeito, sempre buscando abordar a diversidade sexual e de gênero de maneira sensível e responsável. Nossa intenção não é escandalizar ou causar polêmica, mas sim tratar esses assuntos, que muitas vezes são vistos como tabus, com a devida atenção. Sabemos que essas questões não são discutidas apenas em escolas militares/cívico-militares, mas em diversas outras instituições de ensino, e esperamos que esta cartilha ajude a promover um diálogo respeitoso e aberto.

Que ela possa oferecer a você e sua equipe uma base para compreender os temas relacionados à diversidade sexual e de gênero, e que sirva como um guia para promover um diálogo construtivo e respeitoso em sua escola e os tornem "bizurados" no assunto. Acreditamos que, juntos, e com "querência" poderemos construir um ambiente de aprendizagem onde todos se sintam pertencentes e respeitados.

É muito bom estudar aqui, né? Todo mundo é respeitado, independente de gênero ou sexualidade.

Verdade, faz toda a diferença. A gente se sente mais seguro sendo quem é...

Exato, o ambiente muda quando o respeito é prioridade. Que tal sua escola ser assim também? Em "QAP"?!



REFERÊNCIAS

Barbosa, Mariana de Oliveira Lopes. **LGBTQIA+**. Brasil Escola. 2024.

Acesso em 02 out 2024. disponível em:

<https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/lgbtqia.htm>

Cardoso, Michelle Rodrigues; Ferro, Luís Felipe. Saúde e população LGBT: demandas e especificidades em questão. Psicologia: ciência e profissão, v. 32, n. 3, p. 552-563, 2012.

CONFETAM. **Mortes violentas de LGBTI+ caem 22%, mas Brasil segue campeão mundial de LGBTIfobia**. 2020. Acesso em 05 out 2024. disponível em: <https://confetam.org.br/noticias/mortes-violentas-de-lgbti-caem-22-mas-brasil-segue-campeao-mundial-de-lgbtifobia-657e>.

Facchini, Regina. **Movimento Homossexual no Brasil**. Caderno AEL, Campinas vol 10, nº 18/19, p.81-125, 2003.

Green, James N; Quinalha, Renan; Caetano, Marcio; Fernandes, Marisa (orgs.). **História do Movimento LGBT no Brasil**. São Paulo; Alameda; 2018.

Jesus, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos**. Brasília, 2012.

King, A. M. **Os cabelos como fruto do que brota de nossas cabeças**. Geledés Instituto da Mulher Negra. 2012. Acesso em 02 nov 2024. disponível em: <https://www.geledes.org.br/os-cabelos-como-fruto-do-quebrota-de-nossas-cabecas>

Netto, Thereza de Lamare Franco. **Caderneta de Saúde do adolescente**. 3ª edição - 1ª reimpressão. 2014. Acesso em 02 nov 2024. disponível em: https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/caderneta_saude_adolescente_masculino.pdf

Nexo Jornal Virtual. **Relação entre pessoas do mesmo sexo ainda é crime em 64 países**. 2024. Acesso em 05 out 2024. disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/grafico/2024/06/04/paises-em-que-a-homossexualidade-e-crime-criminalizacao-de-relacoes-homossexuais>.

Observatório de Mortes e Violências contra LGBTI+ no Brasil. **Dossiê sobre Mortes e Violências contra LGBTI+ no Brasil em 2022**. 2022. Acesso em 02 nov 2024. disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2023-05/dossie-contabiliza-273-mortes-violentas-de-pessoas-lgbti-em-2022>.

Observatório de Mortes e Violências contra LGBTI+ no Brasil. **Dossiê sobre Mortes e Violências contra LGBTI+ no Brasil em 2021**. 2021. Acesso em 02 nov 2024. disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2022-05/numero-de-mortes-violentas-de-pessoas-lgbti-subiu-333-em-um-ano>.

PINO, Nádia. **Experiências invisíveis de corpos des-feitos: a teoria queer e os intersex**. Cadernos Págu, Núcleo de Estudos de Gênero - Pagu/Unicamp. 2007.

Reis, Toni. **Enciclopédia LGBTI+**. Curitiba, PR : IBDSEX, 2021

Reis, Toni; Casal, Simón. **Manual de educação LGBTI+**. Curitiba, PR : IBDSEX, 2021

Simple Organic. **Conheça as novas cores da bandeira LGBTQIAPN+**. Acesso em 02 out 2024. disponível em: <https://simpleorganic.com.br/blogs/simple-blog/as-novas-cores-da-bandeira-lgbtqiapn>.

Valente. Anghel. **Marsha P. Johnson, de Stonewall ao fundo do Rio Holland**. Revista Híbrida. 2018. Acesso em 02 out 2024. disponível em: <https://revistahibrida.com.br/historia-queer/a-historia-de-marsha-p-johnson-de-stonewall-ao-fundo-do-rio-holland/>

UM POUCO SOBRE OS AUTORES...

Jhonatan Wendell Tavares Ferreira



Homem Cis, Preto, Gay, Corpo-pesquisador, Nordeste - nascido na cidade de São Luís do Maranhão, graduado em Ciências Biológicas (Licenciatura) pela Universidade Cruzeiro do Sul, e licenciado em Pedagogia pelo Centro Universitário FAVENI. É especialista em Educação de Jovens e Adultos (EJA) e Tutoria em Educação a Distância.

Mestre em Educação - Gestão do Ensino da Educação Básica (PPGEEB) na Universidade Federal do Maranhão (UFMA) e atualmente, exerce a função de docente externo no âmbito do Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR), vinculado à Universidade Federal do Maranhão (UFMA).

Kelly Almeida de Oliveira

Mulher Cis, negra, católica, heterossexual, casada, e mãe do Lord, nascida em Imperatriz (MA). Filha de Maria da Conceição, taxista, e Francisco Gomes, bilheteiro. Estudante de instituições públicas, formou-se em Pedagogia (2007), fez mestrado em Cultura e Sociedade (2011) e doutorado em Ensino de Ciências e Matemática (2022). Professora afrouniversitária, atua na Região dos Cocais, interessada nos saberes e memórias de professoras afrodescendentes. Se cosmopercebe como alfabetizadora-aprendente de Quebradeiras de coco babaçu e docente-formadora no leste maranhense, valorizando a diferença do corpo-afeto que habita.

